CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA FORMAÇÃO DOCENTE NO PROFHISTÓRIA-2024

Andréia Moreira de Souza (UFS)[29]
José Nerisvaldo Santos Silva (UFS)[30]
Josefa Rosania Reis de Matos (UFS)[31]

Resumo: Este estudo qualitativo investigou o impacto da disciplina "Ensino de História e Educação para as Relações Étnico-raciais" na formação de professores, no contexto do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Sergipe, turma de 2024. A pesquisa buscou apresentar como a disciplina contribuiu para a descolonização do Ensino de História, a produção de narrativas afrodiaspóricas e a transformação das práticas pedagógicas que podem ser inseridas em sala de aula pelos professores. A partir da análise de observações em aula e de um questionário aplicado aos participantes (professores mestrandos), faremos uma análise descritiva dos resultados que indicam o que a aludida disciplina proporcionou aos mestrandos. Este estudo teve como aporte teórico os estudos dos professores da aludida disciplina: Dra. Mariana Bracks Fonseca, Dr. Dulcidio Manoel Albuquerque Cossa (Nyimpini Khosa), Dr. Mohammed Yassin (Aboua Kumassi Koffi Blaise). Além destes, trazemos as contribuições de autores trabalhados por eles como Amadou Hampâté Bâ, Cheik Anta Diop, Fábio Leite, Renato Nogueira, além de trazermos à baila o respaldo de outros autores que abordam sobre os eixos temáticos trabalhados a exemplo de Chimamanda Adichie, Bell Hooks, Frantz Fanon, Cida Bento e Sueli Carneiro. Como resultados, espera-se a partir de uma nova perspectiva sobre a História da África e da diáspora africana, a desconstrução de narrativas eurocêntricas e valorização a ancestralidade/espiritualidade e a cultura afro-brasileira que possibilite novas habilidades para trabalhar com fontes históricas diversas, promover a diversidade em sala de aula e descolonizar o currículo.
Palavras-chave: Educação para as relações étnico-raciais. Ensino de História. Mestrado ProfHistória. Formação de professores

Abstract: This qualitative study investigates the impact of the course "Teaching History and Education for Ethnic-Racial Relations" on the professional development of teachers within the context of the Professional Master's in History program at the Federal University of Sergipe, class of 2024. The research seeks to understand how the course contributed to the decolonization of history teaching, the production of Afro-diasporic narratives, and the transformation of pedagogical practices that can be implemented in the classroom by teachers.

[29] Mestranda do Mestrado Profissional em História pela UFS/SE. Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Paripiranga-Bahia. Contato: quatrocantos1982@hotmail.com
[30] Mestrando do Mestrado Profissional em História pela UFS/SE. Professor da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Cícero Dantas-Bahia. Contato: nerisvaldosantos@gmail.com
[31] Mestranda do Mestrado Profissional em História pela UFS/SE. Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Paripiranga-Bahia. Contato: rosania64@yahoo.com.br

Through the analysis of classroom observations and a questionnaire applied to participants (master's students), we will present a descriptive analysis of the results indicating what the aforementioned course provided to the master's students. This study was theoretically supported by the works of the course professors: Dr. Mariana Bracks Fonseca, Dr. Dulcidio Manoel Albuquerque Cossa (Nyimpini Khosa), and Dr. Mohammed Yassin (Aboua Kumassi Koffi Blaise). In addition to these, we bring the contributions of authors worked by them, such as Amadou Hampâté Bâ, Cheik Anta Diop, Fábio Leite, Renato Nogueira, as well as bringing to the fore the support of other authors who address the thematic axes worked on, such as Chimamanda Adichie, Bell Hooks, Frantz Fanon, Cida Bento, and Sueli Carneiro. As results, we expect, from a new perspective on the history of Africa and the African diaspora, the deconstruction of Eurocentric narratives and the valorization of ancestry/spirituality and Afro-Brazilian culture, which enables new skills to work with diverse historical sources, promote diversity in the classroom, and decolonize the curriculum.
Keywords: Ethnic-racial relations education. History teaching. Professional Master's in History. Teacher training.

1 INTRODUÇÃO

Diante do contexto histórico de exclusão e invisibilização das narrativas afrodiaspóricas na educação brasileira, a Lei 10.639/03 representou um marco importante para a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. No entanto, a implementação dessa lei ainda enfrenta desafios significativos. Neste cenário, a disciplina "Ensino de História e Educação para as Relações Étnico-raciais" surge como uma oportunidade para a formação de professores críticos e comprometidos com a descolonização do Ensino de História.

A partir da experiência na turma de 2024 do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), este estudo busca apresentar as contribuições da disciplina Ensino de História e Educação para as Relações Étnico-raciais para a articulação de projetos de pesquisa acadêmica e para a formação do professor e qual seu potencial para transformar as práticas pedagógicas na Educação Básica, visando uma educação mais equânime, considerando produção de narrativas afrodiaspóricas, principalmente aquelas que interseccionam raça, gênero e classe.

A ementa da Disciplina foi criada pelo ProfHistória Nacional, mas a proposta desenvolvida foi exclusiva de um projeto desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe, tendo como uma das responsáveis a Professora Mariana Bracks Fonseca.

Esse projeto chama-se “África no Brasil: tecendo rede de solidariedade”, é um projeto financiado pela CAPES e tem como objetivo possibilitar pessoas refugiadas de ter asilo aqui no Brasil e ajudar a construir esse outro campo epistemológico para o Ensino de História da África, unindo o conhecimento e metodologias inovadoras e novas abordagens.

Este projeto foi uma oportunidade única de refletir sobre o ensino étnico-racial, além de ser um espaço para praticar metodologias a partir das linguagens educativas africanas. Fomos privilegiados na turma de 2024 por contar com três professores simultâneos em todas as aulas, cada um trazendo uma rica perspectiva de seu contexto cultural e acadêmico. Contamos com os ensinamentos da Professora Dra. Mariana Bracks Fonseca, brasileira; do Professor Dr. Dulcidio Manoel Albuquerque Cossa (Nyimpini Khosa), moçambicano; e, do Professor Dr. Mohammed Yassin (Aboua Kumassi Koffi Blaise), marfinense. Juntos, nos ofereceram não apenas um ensino diversificado, mas também um aporte teórico instigante e significativo.

Diante disso, a experiência nesta disciplina nos motivou a investigar como descolonizar o ensino de História, que alinhados com a proposta do GT 04 do V Seminário Nacional de Sociologia/UFS, podemos incorporar as histórias de culturas afrodescendentes e africanas em nossas práticas pedagógicas, promovendo a descolonização do conhecimento e a valorização da diversidade étnico-racial.

Ao abordar a importância das aulas na aludida disciplina é que passamos a questionar as narrativas eurocêntricas e valorizar a perspectiva africana, cuja finalidade é descolonizar o Ensino de História, pois a história que temos, e é repassada nas escolas, ainda é a escrita pelo colonizador. Sobre este, Frantz Fanon (2022) afirma que

> "A história que ele escreve não é, portanto, a história do país que ele saqueia, mas a história da sua nação, naquilo que ele explora, viola, esfaima. A imobilidade à qual o colonizado está condenado só poderá ser revertida se ele decidir por fim à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da descolonização" (FANON, 2022, p. 48).

Nessa conjuntura, a partir da aprendizagem compartilhada, incluiremos em nossa prática pedagógica as histórias de culturas afrodescendentes e africanas, proporcionando aos estudantes referências positivas e histórias de luta e resistência do povo afrobrasileiro e africano de forma crítica e reflexiva. O que para nós é desconstruir as narrativas dos caçadores e contar a história pelo olhar do leão.

Assim, a presente pesquisa busca responder a seguinte questão: Como esta disciplina contribuiu para a produção de narrativas afrodiaspóricas e para a descolonização do Ensino de História e qual o seu potencial para transformar as práticas pedagógicas na Educação Básica?

O texto é estruturado a partir de uma escrita descritiva e uma pesquisa bibliográfica que aborda o conteúdo trabalhado nas aulas ministradas por uma professora brasileira, estudiosa sobre o povo africano e afrobrasileiro, e por dois professores africanos. As experiências com os professores africanos enfatizaram essa importância de um ensino de História a partir de novas

histórias e outras metodologias, ancorado numa abordagem inclusiva e respeitosa das histórias africanas e afrodescendentes em sala de aula. Essas aulas permitiram aos mestrandos e mestrandas aprenderem uma nova perspectiva sobre a História da África que para Adichie (2019, p. 32), "as histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada".

A relevância social da "disciplina", foi a abordagem de saberes ancestrais que nos autorizam a contar nossas histórias e refletir sobre nossos valores e lógicas de pertencimento. Além de falar das mulheres que herdaram a força ancestral africana e ocupam espaços de resistência e liderança é gratificante e necessário, especialmente em uma sociedade que ainda enfrenta desafios patriarcais, classistas e xenofóbicos.

Durante as aulas, foi possível conhecer a importância da oralidade na transmissão desses conhecimentos; observou-se como eles concebem suas histórias e se esforçam para salvaguardá-las; compreendeu-se a noção de pessoa pelos povos africanos; desmistificou-se a relevância do papel da mulher dentro das sociedades africanas; entendeu-se sobre a relação do homem com a sua ancestralidade; conheceu-se sobre o poder das crenças religiosas e espiritualidade no dia-a-dia dos povos; compreendeu-se sobre a articulação social e política dos nossos ancestrais; revelou-se a força do povo africano a partir de sua vasta cultura; concebeu-se a relevância do ensino de História na preservação da cultura e identidade africanas.

Ailton Krenak (2022), nos traz uma reflexão que contempla a relação do homem com seus ancestrais. "Gosto de pensar que todos aqueles que somos capazes de invocar como devir são nossos companheiros de jornada, mesmo que imemoráveis, já que a passagem do tempo acaba se tornando um ruído em nossa observação sensível do planeta" (Krenak, 2022, p. 11).

Essa acepção é repleta de significados e convidando-nos a uma reflexão sobre a nossa relação com o tempo, a ancestralidade e a natureza. Desta feita, o autor expressa sua admiração pela capacidade humana de se conectar com o passado, de invocar os nossos ancestrais como companheiros em nossa jornada pela vida. Krenak (2022) usa o termo *devir* para referir-se a um processo contínuo de transformação, ou seja, nossos ancestrais não são apenas figuras do passado, mas forças que continuam a influenciar e moldar o presente, onde a memória ancestral, muitas vezes, é transmitida de forma não-verbal, através de histórias, ritos e tradições, moldando nossa identidade e nossa relação com o mundo. E essas reflexões foram apresentadas e fundamentadas pelos professores Cossa e Mohammed.

A professora Mariana Bracks Fonseca, produziu uma literatura muito significativa para inspirar outras mulheres intitulada "Poderosas Rainhas Africanas" (2021). A partir de suas

contribuições, é possível enriquecer os saberes ensinados em sala de aula, pois muitas vezes pessoas negras negam sua identidade devido à falta de histórias inspiradoras. Ao apresentar as trajetórias de mulheres africanas, ela contribui para a desconstrução dessa narrativa única, oferecendo exemplos de luta e resistência que muitas vezes são silenciadas nos livros de história.

São esses exemplos de luta e de resistência que carecem de ser contadas nas aulas de História, pois, de acordo com Adichie (2019) é fundamental entender como narrativas únicas podem distorcer a realidade e perpetuar estereótipos.

Ressalta-se, também, que frases ditas pelos professores foram impactantes, como a noção de que "o corpo fala e expressa aceitação ou rejeição", que "o corpo físico é considerado um abrigo" e a ideia de que "tudo dialoga e a palavra tem extremo poder". Tais reflexões evidenciam a necessidade de desconstruir conceitos antigos e promover uma compreensão mais profunda da história africana e afrodescendente.

A contribuição de Amadou Hampâté Bâ sobre a função da memória em sociedades ágrafas e a importância da oralidade são fundamentais para a preservação da história. De mesmo modo, o reconhecimento das contribuições de figuras como Cheikh Anta Diop, cujo escritos sobre ele representam pilares fundamentais na construção de uma narrativa histórica africana mais representativa. Esses autores desafiam paradigmas históricos obsoletos e reafirmam a importância de reconhecer e celebrar as contribuições diversificadas do continente para o panorama global. Nessa continuidade, Fábio Leite em "A Questão Ancestral: África Negra" (2008) torna-se essencial para entender o universo africano de raiz tradicional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DAS AULAS

Na vigência de duas décadas da Lei 10.639/2003, ainda estamos diante de grandes empecilhos para a sua efetivação: falta de investimento do Estado, falta de formação adequada, intolerância religiosa e racismo religioso, além do racismo estrutural impregnado na educação. Esta Lei que foi resultado das lutas de muitos grupos e um passo muito significativo para firmar um ensino antirracista.

Assim, ao incluir grandes autores que trazem a verdadeira história dos nossos ancestrais e que apresentam uma rica gama de perspectivas teóricas sobre a identidade africana e sua complexa trajetória histórica. Como bem defende Bárbara Carine Soares Pinheiro (2023, p. 82) "apresentar referências teóricas de intelectuais negros e negras é essencial".

Isto posto, sabe-se que essa jornada intelectual de mestrandos e mestrandas estimulou não apenas uma reflexão crítica sobre os conhecimentos prévios, mas também o desenvolvimento de novas ferramentas para analisar e interpretar a realidade africana, contribuindo significativamente para nossa formação acadêmica e docente, pois trazendo a contribuição de Pinheiro (2023) que defende

> Em suma, na universidade é importante intelectualizar pessoas negras e valorizar suas epistemes, seja pela via do acesso teórico nos componentes curriculares, seja pela via do enegrecimento corpóreo e intelectual docente das instituições de ensino superior brasileiras (Pinheiro, 2023, p. 85).

E assim, que seja uma educação desprendida das intenções da branquitude racista que segundo Cida Bento (2022, p. 34), “essa preocupação de determinados grupos europeus e seus descendentes no Brasil de proteger e fortalecer exclusivamente os interesses dos seus, manifestação do pacto narcísico, se evidencia repetidamente em nossa história”.

A composição dos autores selecionados para este trabalho foi fundamental para desvelar a verdadeira história da África, livre de vieses eurocêntricos. Sabemos, que após a solidificação da inferiorização das pessoas negras em todos os âmbitos da vida humana, é audacioso sonharmos com uma sociedade justa, inclusiva, equânime, antirracista, mas como bem destacou Sueli Carneiro (2023, p. 184) “a utopia que perseguimos hoje, consiste em buscar um atalho entre uma negritude redutora da dimensão humana e a universalidade ocidental hegemônica que anula a diversidade”.

Hampâté Bâ (2010), com sua obra "A tradição viva", revolucionou os estudos sobre a história africana e proporcionou uma contribuição fundamental para a compreensão da mesma do ponto de vista de quem viveu. Ao valorizar a tradição oral, o autor nos presenteou com uma perspectiva única e rica sobre a cultura e as tradições do continente, desconstruindo narrativas eurocêntricas e hegemônicas que por tanto tempo silenciaram a voz da África. Seu legado para a educação possibilita a professores e pesquisadores um novo olhar sobre a história africana, fomentando a interculturalidade e a descolonização do conhecimento.

A obra Noção de Pessoa na África Negra de Hampâté Bâ (1981) também impacta a formação de professores, oferecendo ferramentas para que levem aos seus alunos uma história completa da África. Ele nos convida a romper com as amarras tradicionais do conhecimento ao dizer “me abstenho de ceder às armadilhas dos modelos padronizados”.

A obra de Fábio Leite (2008), "A questão ancestral: África negra", representa um marco importante nos estudos sobre a história da África. O autor, oferece uma contribuição

fundamental para a descolonização do conhecimento histórico. O mesmo desafia narrativas eurocêntricas e promove uma reflexão ampla sobre as relações étnico-raciais, com ênfase na diversidade cultural. Para ele, a questão ancestral entre os indivíduos é tão forte que existe uma relação entre a morte e os ancestrais.

Leite (2008) contribui significativamente para o ensino de História, ao propor um olhar mais original sobre a África e suas diversas sociedades. As ricas ilustrações que acompanham o texto, retratando o sagrado, as cerimônias, os totens e outras manifestações culturais, são ferramentas valiosas para o professor, que pode utilizá-las para ofertar mais originalidade, enriquecer suas aulas e proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem mais rica e significativa à história.

Outro autor trazido à baila foi Renato Nogueira (2019) com sua obra intitulada *"Antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é": tecnologia, filosofia e educação*. O autor se destaca por suas contribuições significativas para a compreensão da diáspora africana e suas conexões transatlânticas. Sua análise amplia nossa percepção sobre as relações étnico-raciais. Além disso, sua literatura oferece uma perspectiva interdisciplinar que enriquece significativamente o debate sobre os afrodescendentes.

O compromisso de Nogueira (2019) com a história da África ocidental, transcende o âmbito histórico, impactando positivamente a compreensão das questões raciais e fomentando um diálogo que aprofunda a discussão sobre a atividade *griot* e suas implicações pedagógicas. Dessa forma, ao analisar os elementos constitutivos da tecnologia *griot* - o agente, a contação de histórias e o terreno, o autor evidencia a importância da figura do contador de histórias, da narrativa oral e do contexto cultural para a transmissão de conhecimento e valores que podem ser adaptados para a prática docente.

Sobre transmissão de conhecimento e valores, Fonseca (2022, p.152), se destaca por suas significativas contribuições para o campo da história afro-brasileira e da África. Para ela, "ensinar a História africana valendo-se exclusivamente de materiais escritos é desfigurar a dimensão dos saberes próprios de suas sociedades originais" .

Suas pesquisas, fortalecem nossa compreensão sobre as raízes culturais afro-brasileiras. Elas valorizam a ancestralidade e promovem uma educação pautada na interseccionalidade e inclusive na educação patrimonial, incentivando uma abordagem mais integrada e sensível às diversas heranças culturais, reconhecendo a importância das contribuições africanas para a formação da identidade brasileira. Um exemplo dessa valorização por parte da professora está em seu trabalho literário, onde ela afirma que

> Os cantos, o ritmo, a dança ressignificam o passado de escravidão, trazem outra perspectiva que não está escrita em livros, trazem em primeira pessoa a voz dos agentes escravizados e revelam suas estratégias de ação para o enfrentamento de uma realidade opressora (Fonseca, 2022, p.150).

Para além dessa abordagem ela argumenta que essas expressões artísticas não são apenas formas de entretenimento, mas também ferramentas de resistência, memória e reinterpretação do passado. Destaca, também, a importância da música e da dança como fontes de conhecimento sobre a experiência da escravidão. Dessa forma, ao analisarmos essas expressões artísticas, podemos valorizar a agência dos escravizados na construção de suas próprias narrativas.

Fonseca (2022), amplia essa perspectiva, situando essas expressões artísticas dentro de um contexto mais amplo: as filosofias africanas. Ela destaca que a música, a dança e a oralidade são instrumentos de transmissão de conhecimento e saberes, práticas que os africanos trouxeram para o Brasil e que continuam vivas nas culturas afro-brasileiras, fazendo-se necessário a implementação desses elementos nos processos educativos.

O professor Dulcídio Cossa, contribuiu para que compreendêssemos as subjetividades da cultura afro-brasileira. Suas contribuições nos fizeram enxergar as manifestações artísticas e culturais a partir de um olhar sensível, uma vez que tudo que é do negro e sobre o negro, é marginalizado.

Sua leitura de Brasil, perpassa pela complexidade da diáspora, por isso, propõe um intercâmbio de culturas, de ideias e de artes que celebrem o que veio da África e foi reconstruído no Brasil.

Na perspectiva de conservação da cultura africana através da oralidade, destaca-se a experiência do xitiku ni mbawula, apresentada por Cossa:

> Num contexto ou conjuntura que vigora a negação e consequente apagamento da história de África, dos africanos e suas práticas socioculturais na história tida como "universal", porém, que o ocidente a ocidentalizou — um plano deliberadamente de hegemonia "selvática", desumana, colonial e opressora dos saberes periféricos, ou melhor, "periferizados", falar sobre e contar minkaringana é uma forma de "guardamento" da nossa história, e, portanto, de r(e)es(x)istência, pela qual transmitimos valores culturais de nossos antepassados (os quais participaram na edificação da humanidade) tornando assim a ancestralidade mais viva e próxima de nossas vidas e cotidiano (COSSA, 2020. p. 205).

O xitiku ni mbawula é uma tradição em Moçambique em que se traduz como histórias à volta da fogueira, a qual foi apresentada de maneira adaptada pelo professor Dulcidio Cossa, nas aulas da citada disciplina, objetivando mostrar que a tradição oral é um mecanismo também

de educação, pois nesses momentos de realização, são contadas histórias (nkaringana), com diversos tipos de conteúdos, que são ministradas por anciões.

O professor Cossa, nos possibilitou conhecer sobre a grandiosidade do Hip Hop, um movimento cultural que surgiu no final dos anos 60 em Nova York e divulgado por diversos países do mundo através de suas letras de protestos às realidades sociais. Não ficando apenas no discurso, nos ofertou literaturas para nos aprofundarmos na temática tão relevante para os movimentos sociais de luta do povo negro no Brasil.

Nesse contexto de rede de saberes, contamos com as diversas contribuições do professor Mohammed Yassin Blaise que por meio de seu estudo do Kaydara (2012), texto de Amadou Hampâté Bâ, traduzido pelo próprio, Mohammed, vem destacar, através de um conto, a maneira que os africanos, *fulas,* (povo da região do Níger) compreendem o mundo de uma maneira indissociada entre ser humano e natureza, além de fazer um paralelo com Macunaíma, personagem da literatura brasileira.

Neste conto está a base do saber desse povo, pois está descrito como os conhecimentos são repassados, e como entendem as questões existenciais, a exemplo da relação vida/morte, como seus valores civilizatórios estão fundamentados, como é o processo de iniciação para se tornar um Mestre transmissor dos saberes, entre tantos outros aspectos da vida desse povo.

O professor Mohammed Yassin, foi crucial na fundamentação de "tradição e oralidade". Onde em uma das suas aulas ele menciona que "a oralidade legitima a nossa memória"[32], segundo palavras do professor Mohammed. Isso nos conduziu à compreensão da célebre frase do intelectual malinês Amadou Hampâté Bâ, *"na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima"*.

Assim, Mohammed Yassin (Aboua Blaise) juntamente com Antônio Júnior que ao final do curso publicaram um livro intitulado "Jornadas com Amadou Hampâté Bá: diálogos África-Brasil", foi a confirmação de toda a sua retórica sobre o legado de Hampâté Bá (1901-1991).

De acordo com seus conhecimentos que vão além do Oeste da África, o professor e autor, apresentou apontou que existem múltiplos aspectos físicos, psíquicos e espirituais que envolvem o ser humano. Com seu amplo conhecimento, possibilitou um estudo sobre as tradições, ancestralidade, espiritualidade, relação homem-natureza, símbolos, conceitos e teorias muito relevantes e que foram além das nossas expectativas, enquanto receptores, humanos e profissionais.

[32] Fala do professor Mohammed Yassin Blaise (Aboua Blaise) na referida disciplina, UFS, em, 01 de abril de 2024.

3 DAS VIVÊNCIAS NO MESTRADO ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

A inserção da história afrodiaspórica nos currículos educacionais, embora promissora, exige um debate aprofundado sobre os desafios e as possibilidades dessa abordagem. Para isso, a construção de diálogos interdisciplinares e a busca por estratégias para ampliar a presença dessa temática na formação de professores podem contribuir para a superação desses desafios.

Desse modo, os referenciais teóricos utilizados ou sugeridos pelos professores e convidados, bem como, os recursos metodológicos utilizados por eles, foram e serão de grande utilidade para que a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645/2008 sejam de fato efetivadas.

Para iniciar a conversa, sobre a metodologia utilizada foi exibido um vídeo da participação de Conceição Evaristo em uma Conferência Magna intitulada “Clamar no deserto: entre o poder falar e o poder de se fazer ouvir” proferida durante o Seminário Internacional Fazendo Gênero, ocorrido em julho de 2021. As falas de uma das mais importantes escritoras brasileiras contemporâneas, nos fez refletir sobre a potência da voz negra e a importância da luta por visibilidade e reconhecimento. Através de uma linguagem poética e visceral, a autora explorou a complexidade da experiência negra, marcada pela invisibilização e pela opressão.

Nessa sequência da utilização de recursos audiovisuais, é salutar destacar a relevância de conhecer parte da História da África sob a ótica do Filme “Camp de Thiaroye (1988)”, direção de Ousmane Sembene e do filme “Por que as estátuas morrem (1953)”, produção de Presence Africaine. São ferramentas que podem elevar os conhecimentos sobre a história autêntica da África, pois são filmes produzidos com poucos recursos financeiros, mas sob o olhar africano.

A exemplo da prática da “Nkaringana” (Cossa, 2020), utilizada em aulas-oficinas que podem ser levadas para trabalhar em sala de aula e promover um momento de aprendizado, criativo, leve e com sentido. Essa prática é utilizada para iniciar a contação de histórias à volta da fogueira no sul de Moçambique. Exalta-se o fato do Professor Dulcídio Cossa ser moçambicano e trazer essa experiência para que a turma conhecesse e pudesse replicar em seu cotidiano profissional.

Em suas aulas foram utilizados recursos como usos de objetos para contação de histórias, a exemplo da história ao redor da fogueira (Xitiku Ni Mbawula) com os contos iniciáticos, a roda de provérbios na cabaça, músicas e danças afro (Hip-Hop: a periferia grita e Lambe sujo).

Nessas rodas-oficinas, Cossa apresentou e contextualizou historicamente o Hip Hop, mostrando sua origem e impactos na vida das comunidades de pessoas pretas. Nessa mesma oficina, o professor realizou uma apresentação performática da dança na qual induziu aos mestrandos e mestrandas a produção de uma letra do gênero para abordar determinado tema.

A utilização desses recursos, é defendida por Sueli Carneiro (2011) que destaca o impacto da cena musical do país na vida dos jovens.

> Além de causar impacto na cena musical do país, o movimento *hip-hop* fez emergir lideranças juvenis que consideram o rap, o grafite e o break - tripé da cultura *hip-hop* - os veículos para que os jovens se mobilizem e reflitam sobre os temas que mais aflige seu cotidiano, como violência, drogas, exclusão social, exercício protegido da sexualidade, paternidade, maternidade responsáveis, discriminação racial (Carneiro, 2011, p. 36)

Carregam, portanto, realidades que são próximas da realidade da maioria dos estudantes atendidos pelos/as mestrandos/as do ProfHistória.

Além disso, tivemos no Cultart[33], a apresentação do Tambor de Crioula com o mestre Paulo Lobato, o qual apresentou o processo da produção dos tambores com práticas ancestrais, sempre em volta de uma fogueira. Em seguida foi realizada a dança com a participação das mestrandas. Uma prática que traz muito do povo africano, afrodescendente e afro-indígena. Reforça não somente um legado ancestral, ou a musicalidade na batida tamborina, mas também extrai o lado espiritual e religioso envolvido na prática que, na maioria das vezes, é negligenciado por alguns professores que ainda não conseguem completar o ciclo de um ensino pautado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Ao fomentar a construção de ambientes educacionais mais dinâmicos e sensíveis às questões raciais, as contribuições teóricas de Fonseca, Cossa e Blaise juntamente com outros literatos da história e cultura afrobrasileira e africana, contribuíram para o fortalecimento da identidade e autoestima dos mestrandos e mestrandas, proporcionando espaços de aprendizagem mais interativos.

Dessa forma, a inter-relação da metodologia com os saberes aplicados corroborou para a constituição de cinco dimensões conceituais: (01) *identidade diaspórica, (02) abordagem afrodiaspórica, (03) desconstrução de estereótipos, (04) descolonização e (05) interseccionalidade.*

[33] Centro de Cultura e Arte, Aracaju/SE.

A *identidade diaspórica* como uma construção ativa contra a subjugação e os estereótipos impostos pela branquitude reforça a busca por reconhecimento e autonomia que desafiam as estruturas de poder, resistindo à exploração e à exclusão. Pois, como afirma Munanga

> "Graças à busca de sua identidade, que funciona como uma terapia do grupo, o negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com os outros oprimidos, o que é uma condição preliminar para uma luta coletiva (Munanga, 2024, p.19)".

Assim, a busca por identidade funciona como uma ferramenta de empoderamento, permitindo que os negros superem esse complexo de inferioridade e se unam na luta por equidade. Assim, Evaristo (2021), amplifica o debate sobre raça e identidade no Brasil contemporâneo, por meio da obra audiovisual "Clamar no deserto: entre o poder falar e o poder de se fazer ouvir" e, nos convida a contribuirmos para um futuro que torne visível as conquistas do povo negro e a consagração de uma identidade positiva.

Ao propor uma *abordagem afrodiaspórica*, esses espaços didáticos inovam ao descolonizar o conhecimento, desafiando narrativas eurocêntricas e resgatando as vozes silenciadas da diáspora africana. Embora a abordagem da história afrodiaspórica nas escolas represente um avanço significativo, sua efetivação enfrenta desafios consideráveis, por isso a necessidade de ampliar a discussão sobre a importância dessa temática na formação de professores e a necessidade de diálogos interdisciplinares para que novas possibilidades se abram para a difusão desses conhecimentos.

A *descolonização* do ensino de História, no entanto, busca promover uma abordagem mais plural, valorizando saberes não hegemônicos e reconhecendo a interculturalidade.

Quijano (2009), estabelece uma conexão entre a história narrada e o conceito de colonialidade do poder. Essa relação é pertinente, considerando que o autor desenvolveu uma teoria crítica que busca desvelar as estruturas de poder e as relações de dominação que se perpetuam após a descolonização formal.

Nesse caso, uma forma de investir nessa dimensão em sala de aula, primeiramente, é fazendo uma análise do conteúdo dos livros didáticos que seguem os moldes coloniais. Fanon (2022, p. 33) afirma que para descolonizar "há portanto, a exigência de um questionamento integral da situação colonial". Por isso, que é papel das universidades, escolas, educadores, questionar os conteúdos que se apresentam nos livros didáticos e paradidáticos, currículos. E, para atiçar nossa compreensão, o autor atesta que "toda descolonização é um triunfo".

Contudo, a última dimensão a ser explorada em sala de aula é a *interseccionalidade* da história afrodiaspórica, que permite analisar as múltiplas opressões sofridas por mulheres negras, pessoas de outras identidades de gênero e indivíduos de diferentes classes sociais, considerando as especificidades de cada grupo e as relações de poder entre eles. Sob essas condições, a história afrodiaspórica, quando analisada sob a lente da interseccionalidade, revela a complexidade das experiências vividas por pessoas negras, considerando as interseções de gênero, raça e classe social, conforme apresentado por Bell Hooks (2024).

Munanga (2024), nos lembra que para compreender o racismo no Brasil, é preciso analisar a história da escravidão, a formação social e as relações de poder que se estabeleceram ao longo dos séculos.

4 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa, seguindo a compreensão de Sobral (2016, p. 123), essa abordagem "preocupa-se em analisar e interpretar aspectos profundos do homem, da sociedade como hábitos, ideias, atitudes, tendências de comportamentos, forma de sentir". Por essa razão, seguimos essa linha por possibilitar uma análise e interpretação sobre o significado da disciplina e a sua dimensão humana e social.

Este trabalho está ancorado na pesquisa participante, na qual será apresentada a partir de uma análise descritiva-reflexiva de nossas vivências enquanto cursistas da referida disciplina do Mestrado Profissional ProfHistória no primeiro semestre de 2024.

Ademais, a construção da análise descritiva se deu a partir do conteúdo programático da disciplina, da metodologia aplicada, dos recursos metodológicos, das leituras e discussões em sala de aula, e, as contribuições teóricas de notórios autores como Amadou Hampâté Bâ, Fábio Leite, Renato Nogueira e professores pesquisadores, como, Mariana Bracks Fonseca, Dulcídio Cossa (Nyimpini Khosa), Mohammed Yassin (Aboua Kumassi Koffi Blaise), entre outros.

Também partilhamos das nossas experiências, enquanto discentes, refletindo os impactos positivos da disciplina na nossa formação docente, alinhando-as às nossas práticas em sala de aula na Educação Básica.

Aplicamos um questionário semiestruturado com sete questões abertas, do tipo formulário do *Google Forms* com o título Pesquisa de satisfação quanto à disciplina Ensino de História e educação para as relações étnico-raciais no mestrado ProfHistória UFS-2024.

O mesmo foi encaminhado para todos os cursistas da referida disciplina via link no *Whatsapp* em 02 de outubro de 2024 ficando aberto até 27 de novembro com objetivo de coletar outras impressões e, com base nas respostas, relacionar as nossas impressões e aprendizados de forma que respalde nosso trabalho: 01) Qual a sua principal expectativa ao iniciar a disciplina? 02) Como você avalia a contribuição dos professores africanos e da professora brasileira para o seu aprendizado sobre relações étnico-raciais? 03) Quais foram os principais aprendizados que você adquiriu na disciplina? 04) O que achou da metodologia aplicada? 05) De que forma os conteúdos abordados na disciplina podem contribuir para a sua prática em sala de aula? 06) Você considera que a disciplina contribuiu para a sua formação como professor de História? Justifique 07) De tudo o que foi trabalhado na disciplina, o que você levará para a sua sala de aula?

As perguntas foram elaboradas seguindo alguns eixos temáticos considerados de relevância para possibilitar uma análise reflexiva consistente. São eles: Educação para as relações étnico-raciais; Formação de professores; Metodologias de ensino; Diversidade cultural; Prática pedagógica e Ensino de História.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Informamos que, conforme a composição da turma do ProfHistória/2024, esta é formada por 20 discentes. Quanto à disciplina em questão, por ser de caráter optativo, 18 discentes matricularam-se. Em relação à pesquisa, além das três escreventes deste trabalho, 12 discentes responderam ao "questionário"[34] no *Google Forms* via link pelo *Whatsapp.* No entanto, um mestrando do ProfHistória/2023 que cursou a disciplina este ano, manifestou desejo em contribuir com a pesquisa, totalizando 13 participantes que responderam ao questionário. Os três discentes que não responderam, justificaram ter esquecido o prazo.

Nos casos de citações de respostas obtidas por meio do questionário, optou-se, por precaução, utilizar apenas as iniciais dos nomes dos respondentes, com o objetivo de preservar o respeito à privacidade e à confidencialidade dos participantes. Essa escolha busca minimizar qualquer risco de desconforto para os envolvidos, embora o resultado de modo geral tenha sido

[34] Questionário do Google Forms enviado via link pelo whatsapp em 02 de out. de 2024 com fechamento em 27 de nov. de 2024. Todas as respostas utilizadas aqui estão indicadas pelas iniciais do nome e sobrenomes dos participantes (mestrandos e mestrandas). Segue link do questionário: (https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe2jgDhKd4GKbPugRZQo7cN-a3RaQ6tlX3pDSUM9sdRmspuhw/viewform?usp=sf_link)

100% de satisfação, uma vez que corroborou com o nosso sentimento e nossa concepção referente a importância da disciplina para nossa formação docente e nossa prática pedagógica.

Acerca da questão 01 que busca entender as expectativas iniciais do(a) mestrando(a) em relação à disciplina e quais conhecimentos eles(as) buscam adquirir e como enxergam a importância do tema, foi consenso de todos que suas expectativas estavam voltadas para a aquisição de novos conhecimentos relacionados à história da África e afro-brasileira e que iria agregar novas metodologias de ensino à sua prática pedagógica, chamando-nos atenção a resposta do mestrando C.P.F. (2024) sobre a expectativa para o ensino da disciplina onde ele diz: *"Poder proporcionar um ensino diferenciado, com análise humanista e respeitando as diversidades culturais e sem privilegiar a cultura dita erudita e os grandes feitos dos europeus".*

A questão 02, pretende avaliar a contribuição dos professores africanos e da professora brasileira no aprendizado sobre as relações étnico-raciais. Também verifica se a experiência com diferentes professores proporcionou uma aprendizagem mais rica e completa. Ao ministrar a disciplina juntamente com Mariana Bracks, em maioria, responderam que foi ideal, idônea, satisfatória e muito enriquecedora, visto que passamos a entender a história e cultura dos dois países africanos (Moçambique e Costa do Marfim) a partir da visão de quem realmente vive a realidade no dia a dia, como bem evidenciado na resposta a seguir:

> "Avalio como ótima. Ter conhecimento sobre a África a partir da abordagem e da visão de dois africanos, me deu outra perspectiva do continente, suas tradições e modo de vida, o que contribuíram bastante para minha vida e minha prática docente" (F.S.A., 2024)

Neste contexto, a maioria das respostas, destacam a importância do conhecimento transmitido pelas tradições orais, algo que foi muito frequente nas falas dos mestrandos e mestrandas, sendo bem apresentado em uma das respostas à questão no qual o entrevistado respondeu como *"primordial, especialmente dos professores africanos por apresentarem uma visão endógena dos costumes presentes na África" (P.H.N., 2024).*

Outra resposta, chama atenção para a importância da abordagem pelos professores africanos e pela professora Mariana Bracks:

> "A contribuição de uma riqueza grandiosa, pois trouxeram a história africana como ela realmente é. Ajudaram a desconstruir conceitos eurocentrados e nos fez enxergar uma história que até então era desconhecida. Além de utilizar uma metodologia que também podemos utilizar em nossa sala de aula com alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio" (M.N.S.A., 2024)

Enfatizando o impacto positivo do ensino para a prática, a mestranda, que é professora de História no Ensino Médio, replicou uma das metodologias utilizadas nas aulas pelos professores e pela professora. Ela destaca que *"foi uma aprendizagem satisfatória. Inclusive, hoje reproduzi uma atividade da disciplina com meus alunos. Foi um momento de muito envolvimento e participação deles. A roda em volta da fogueira" (M.J.L.S., 2024).*

A questão 03, busca identificar os principais aprendizados adquiridos na disciplina pelos mestrandos(as), verificando se a disciplina proporcionou uma mudança de perspectiva em relação às questões étnico-raciais.

De acordo com a maioria dos mestrandos(as), os principais aprendizados foram referentes a importância da oralidade, muito presente nas comunidades tradicionais da África como apontado na resposta da mestranda F.S.F. (2024) que aduz sobre *"compreender a importância da oralidade para as comunidades africanas".*

Em suma, fica compreendido que "todos(as) mestrando(as)" passaram a ter novos olhares para o continente africano, além de verem a possibilidade de aplicabilidade desses novos conhecimentos nas suas aulas, a partir de agora, como sabiamente respondeu o mestrando C.H.D.A. (2024) que os aprendizados permitiram *"conhecer um pouco das culturas de dois países africanos e refletir sobre as questões étnicos raciais em nosso país".*

Nesse cenário, as respostas, em unanimidade, apresentam escrita positiva quanto aos aprendizados, percebidas nas três respostas citadas abaixo que resumem e representam todas as demais de forma ampla.

> "Um novo olhar para o continente africano, pertencimento, identidade com várias possibilidades referente ao ensino de História na educação básica de forma construtiva e positiva que envolve a minha prática docente". (M.E.D.S., 2024)
>
> "Os provérbios, de como a sabedoria está em toda parte da África e que nós, ocidentais, nos preocupamos demais com o futuro e que a oralidade possui grande valor naquele continente, o que para os ocidentais não é, muitas das vezes, levado em consideração". (F.S.A., 2024)
>
> "Que ainda preciso conhecer muito mais da cultura africana para que possa contribuir na construção de uma sociedade mais justa e com direitos assegurados para todos. Os conhecimentos compartilhados trouxeram ensinamentos sobre respeito, partilha e necessidade de resiliência." (R.G.S., 2024)

Podemos perceber que as três respostas trazem contextos semelhantes, com essência da mensagem comum, e, se unem às demais não mencionadas e que também expressam a consolidação do conhecimento histórico.

No tocante à questão 4, foi unânime a opinião sobre a inovação metodológica no que concerne ao ensino sobre a África e os africanos. As respostas superaram as nossas expectativas, pois os 13 participantes demonstraram entusiasmo com a metodologia, como a teoria e a prática se entrelaçaram tornando as aulas tão significativas e produtivas. Além de despertar o desejo de levá-las para o chão da escola.

A satisfação com a metodologia ficou evidente diante da repetição de expressões como: “excelente”, que apareceu cinco vezes; “diferenciada” quatro vezes, além de outras expressões sinônimas que apareceram em quase a totalidade das respostas. Outras expressões que confirmam nossas impressões quanto a disciplina são destacadas abaixo: “Muito dinâmica e necessária" (F. S. A., 2024)”; “Novas possibilidades de ensino (E. T. J., 2024)”; “Ótima estratégica (L.P.S., 2024)”; “Casou teoria e prática (M.J.S.L., 2024)”; “Maravilhosa! Teoria e prática em consonância...ensino prazeroso (E.D., 2024)”; “Achei uma metodologia aplicada dinâmica e eficaz, promovendo uma interação constante e estimulando a reflexão crítica (F.S.F., 2024)”.

Percebe-se, então, que as metodologias utilizadas despertaram em nós uma nova forma de ver o ensino sobre o continente africano e sua diversidade de povos e culturas além de nos possibilitar um sentimento de pertencimento a um mundo que para nós parecia tão distante.

Em relação à questão cinco, a qual questiona sobre a contribuição da disciplina para nossa prática diária, o que mais ficou evidente foi que houve uma desconstrução de conhecimento eurocêntrico sobre a África e africanos e como a disciplina contribuiu para uma reflexão sobre a nossa prática pedagógica. Ademais, resta demonstrado que as aulas de Mariana, Cossa e Mohammed, contribuíram, demasiadamente, para melhorar a prática de cada um, uma vez que levaremos a história dos povos africanos para o espaço escolar sob uma nova perspectiva.

Sobre a nova forma de aprender e ensinar sobre a África e suas africanidades, os entrevistados responderam: “Eles mudaram a minha prática quando for trabalhar sobre África. Os autores indicados e também a didática (M.J.S.L., 2024)”; “Trazer para sala de aula a discussão racial por uma nova ótica (E.T.J., 2024)”; “...aulas nos deu subsídios para renovar nosso discurso contribuindo para que nossas aulas possam ganhar mais participação coletiva no entorno dos assuntos (C.H.D.A., 2024).”; “A partir dessa disciplina, minha prática em sala de aula será outra (J.N.S. S., 2024)”.

Essas falas confirmam a nossa percepção sobre a disciplina, e também demonstra o quão carente de formação sobre a África e africanos são os professores da Rede Pública municipal e estadual. O que reforça a importância dessa disciplina para nossa formação docente além de

nos fazer refletir sobre a necessidade de levarmos essa formação aos nossos colegas, em nossas redes, para que tenha um efeito "rede" e chegue ao maior número de professores possível.

A questão 06, trata da formação docente especificamente e avaliando a sua contribuição da disciplina para a formação integral do professor de História e verificando a relevância dos conteúdos para a área de atuação do professor, além da capacidade de engajamento dos alunos da Educação Básica no processo de aprendizagem.

As percepções da maioria dos cursistas que responderam ao formulário, com relação a esta questão (06), estão voltadas para o enriquecimento das suas práticas, desde questões epistemológicas às questões metodológicas, pois, destaca-se:

> "Considero que a disciplina contribuiu significativamente para minha formação como professor de História. Aprofundou meu entendimento sobre temas cruciais, como a diversidade cultural e as relações étnico-raciais." (F.S.F., 2024)

> "A troca de experiências e abordagens diferentes nos renovou a forma de atuar em sala de aula na abordagem dos assuntos." (C.H.D.A., 2024).

Assim, fica evidente quando se trata de conteúdos sobre África e afro-brasileiro, é de fundamental importância que se busque autores que realmente tragam uma visão afrocentrada, que desconstroem estereótipos construídos pela historiografia eurocêntrica. Também é necessário que as metodologias utilizadas em aulas estejam o mais próximo possível da maneira que os africanos vivem e compreendem o mundo.

Por último, a sétima questão que visa identificar quais práticas pedagógicas e conteúdos os mestrandos e mestrandas pretendem utilizar em suas aulas. Nesta, a maioria dos/as participantes que responderam ao questionário, destacaram a importância da oralidade, o uso dos contos e provérbios africanos como recursos para o ensino da história africana e afro-brasileira, como se segue:

> "O poder da oralidade, contos, provérbios africanos, a espiritualidade que está presente em tudo, na cultura, na sociedade...Desmistificar conceitos aprendidos e ressignificar novos olhares para a Mãe África, sempre promovendo a conexão entre Brasil e esse continente de riquezas." (M.E.D.S., 2024).

Desta forma, o olhar dos mestrandos e mestrandas para o continente africano ganha outras conotações, visto que foi destaque nas respostas que o que se sabia sobre a África até então, era muito a partir do olhar eurocêntrico.

Metodologicamente, foi destacado que os mestrandos e mestrandas irão usar em sala de aula a partir de agora, as rodas de conversas, as quais vêm trazer uma metodologia que foge ao

tradicionalismo. “Levarei comigo o conhecimento enriquecedor adquirido, especialmente as rodas de conversa, pois essa abordagem me permitiu criar um espaço de diálogo e reflexão, que pretendo implementar frequentemente em sala de aula.” (F.S.F. 2024).

Assim, conclui-se que a partir do retorno à pesquisa, que novos olhares sobre a África e as relações étnico-raciais estarão presentes nas práticas pedagógicas dos mestrandos, desde o fator epistemológico ao fator metodológico.

6 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos com a pesquisa sobre as contribuições da disciplina revelaram um impacto significativo no entendimento e na prática docente dos participantes. As aulas, que enfatizaram a oralidade e as narrativas africanas, permitiram que os mestrandos expandissem suas visões sobre a história, desmistificando estereótipos e abordando a história de uma nova perspectiva, na construção de identidades e na descolonização do ensino de História. As reflexões sobre a importância da mulher na sociedade africana e a valorização de sua liderança contribuíram para uma conscientização crítica sobre as questões de gênero e raça.

Além disso, a pesquisa bibliográfica e as leituras recomendadas, enriqueceram o repertório dos mestrandos e das mestrandas, proporcionando novas ferramentas para uma prática pedagógica que prioriza a história africana e afrodescendente.

Os objetivos propostos nesta pesquisa foram, de fato, alcançados. A disciplina de Ensino de História e Educação para as Relações Étnico-raciais revelou-se essencial para o desenvolvimento acadêmico dos mestrandos/mestrandas, fornecendo uma base teórica sólida e metodologias inovadoras para o ensino de História. Os mesmos não apenas adquiriram conhecimentos sobre a ancestralidade e a cultura africana, mas também foram motivados a integrar essas perspectivas em suas práticas educativas, contribuindo para uma educação mais antirracista e da descolonização do saber.

Portanto, os resultados desta pesquisa indicam que a “formação continuada” em temas étnico-raciais não é, apenas necessária, mas essencial para a construção de um futuro educacional mais equânime e representativo, corrigindo desse modo, essa distorção histórica realizando uma reformulação apropriada dos currículos educacionais, para integrar uma abordagem que valorize e celebre as contribuições das culturas africanas e afrodescendentes.

As considerações finais ressaltam a importância de continuar investindo na formação de educadores que reconheçam e valorizem a diversidade cultural e histórica, promovendo narrativas que desafiam a hegemonia eurocêntrica. Logo, esta pesquisa é um convite à reflexão

sobre as histórias das pessoas negras, suas lutas e conquistas, num contexto que ainda enfrenta desafios patriarcais, raciais e classistas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de Uma História Única.* São Paulo: Companhia das. Letras, 2019, p. 32.

BENTO Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras; 2022, p. 34.

BLAISE, Aboua Kumassi Koffi. *Macunaíma / Kaydara:* Dois espelhos face a face. Ler Macunaíma sem rir. 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-12092012-120553/pt-br.php.
CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo, e Desigualdade no Brasil.* São Paulo: Selo Negro, 2011. p. 36, 184.
COSSA, Dulcídio. *Nkaringana wa nkaringana, Xitiku ni mbawula a matiku ya vambe*: fluxos da tradição oral africana e sua magia [p. 196-209]. In: LINKE, Ines; KRUCKEN, Lia; BEZERRA, Uriel (orgs.). Nkaringana: objetos e histórias em trânsito. [tradução Daniele Freitas]. 1. ed. Salvador: Duna, 2020. p. 205.

EVARISTO, Conceição. [Conferência] *Clamar no deserto: entre o poder falar e o poder de se fazer ouvir.* 12º Seminário Internacional Fazendo Gênero. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WimOFw-5gRU Acessado em 03 de junho de 2024.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p. 32, 33, 48.

FONSECA, Mariana Bracks. *Poderosas Rainhas africanas.* Belo Horizonte, MG, 1 ed. Ancestre. 2021.

FONSECA, Mariana Bracks. *Histórias africanas em sala de aula:* Em busca da educação alinhada às epistemologias negras, em: Caleidoscópio de Clio: saberes históricos em diferentes espaços de memória/Janaina Cardoso de Mello (Organizadora). – Belém: RFB, 2022, p. 150, 152, 160.

FONSECA, Mariana Bracks. *"Iê Aruanda! A memória de Angola cantada na capoeira"*. São Paulo (USP), 2015.

HAMPÂTÉ BÂ Amadou. *Noção de Pessoa na África Negra.* Tradução para uso didático de: La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). La notion de personne en Afrique Noire. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *A Tradição viva.* In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). História Geral da África. v. 1. Metodologia e pré-história da África. 2010.

HOOKS. Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. [Tradução] Bhuvi Libanio. 24. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral.* São Paulo, Companhia das Letras. 2022. p. 11.

LEITE, Fábio. *A Questão Ancestral: África Negra.* São Paulo: Ed. Palas Athena /Casas das Áfricas, 2008.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2024, p. 13.

NOGUEIRA, Renato. *"Antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é":* tecnologia griot, filosofia e educação. Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2. 2019.

PINHEIRO, Bárbara. Carine. Soares. *Como Ser Um Educador Antirracista.* Editora Planeta, 1. ed., 2023, p. 82, 85.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder e classificação social.* In: Santos, Boaventura de Souza; Meneses, Maria Paula. (Orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 73-118

SANTOS; DEPELCHIN. *Presença intelectual africana: Cheikh Anta Diop.* / Flávio Gonçalves dos Santos, Jacques Depelchin (orgs.). – Ilhéus, BA: 2019.

SOBRAL, Maria Neide. *Projeto de pesquisa.* In: Bretas, Silvana Aparecida; Sobral, Maria Neide (Orgs). Pesquisa em educação: interfaces, experiências e orientações. Maceió: Edufal, 2016, p. 123.